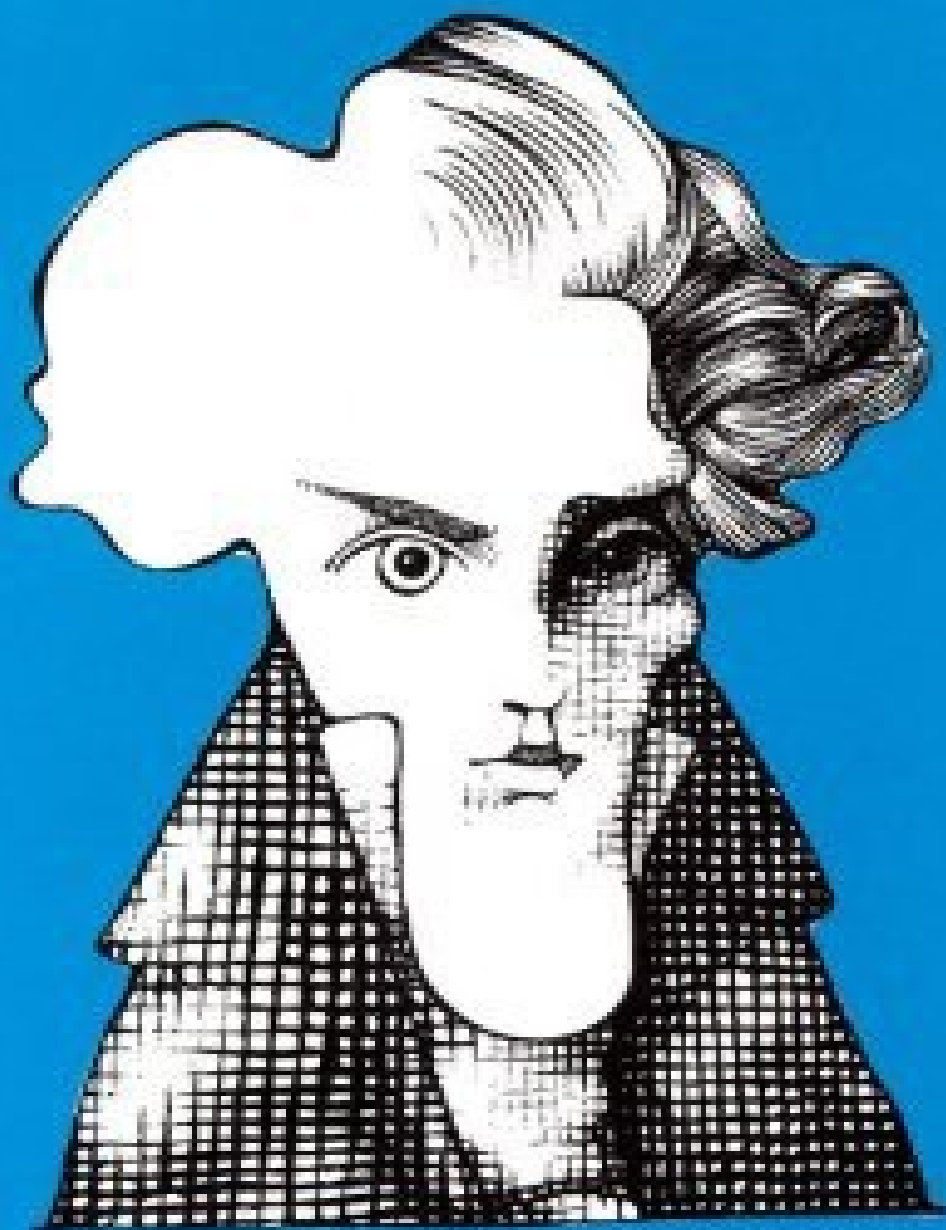


PAUL STRATHERN

# KIERKEGAARD

em 90 minutos



JORGE ZAHAR EDITOR

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

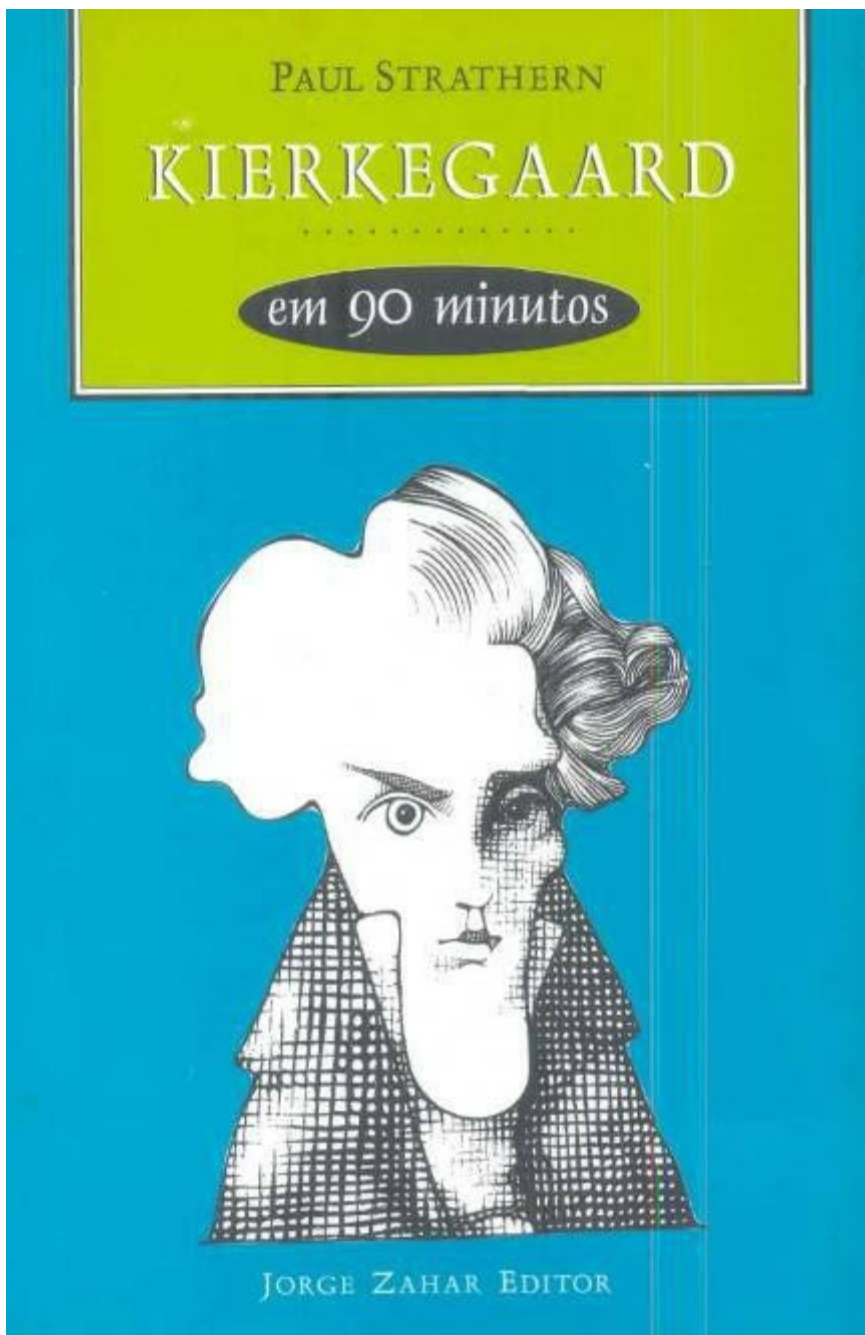
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*





Contra Capa:

KIERKEGAARD (1813-1855) não foi um filósofo no sentido acadêmico do termo. Mas produziu o que muita gente espera da filosofia. Não escreveu sobre o mundo, escreveu sobre a vida — sobre como vivemos e como escolhemos viver. Seu tema foi o indivíduo e sua existência:

o "ser existente".

Na visão de Kierkegaard,

essa

entidade puramente subjetiva está além do alcance da razão, da

lógica, dos sistemas

filosóficos,

da teologia

ou mesmo

das

"pretensões da psicologia". No entanto, é a fonte de tudo isso. O

ramo da filosofia criado por Kierkegaard acabaria conhecido como

*existencialismo*.

*Kierkegaard*

*em 90 minutos*

oferece

um

relato

conciso

e

competente

da vida e das idéias do pensador

dinamarquês,

explicando sua influência na luta do homem para compreender

sua existência neste planeta. Também inclui pequenos excertos da

obra de Kierkegaard, cronologias, lista de leituras sugeridas e

índice remissivo.

Além de *Filósofos em 90 minutos*, esta editora publica a série *Cientistas em 90 minutos.*, ambas de autoria de Paul Strathern.

KIERKEGAARD

(1813-1855)

*em 90 minutos*

Paul Strathern

*Tradução:*

Marcus Penchel

*Consultoria:*

Danilo Marcondes

*Professor-titular do*

*Deptº de Filosofia, PUC-Rio*

Jorge Zahar Editor

Rio de Janeiro

Título original:

*Kierkegaard in 90 minutes*

Tradução autorizada da primeira edição norte-americana

publicada em 1997 por Ivan R. Dee,

de Chicago, Estados Unidos

Copyright © 1997, Paul Strathern

Copyright © 1999 da edição brasileira:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua México 31 sobreloja

20031-144 Rio de Janeiro, RJ

tel: (21) 2240-0226 / fax: (21) 2262-5123

e-mail: jze@zahar.com.br

site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Projeto gráfico: Ana Paula Tavares

Ilustração: Lula

CIP-Brasil Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Strathern, Paul, 1940-

S891s Kierkegaard (1813-1855) em 90 minutos / Paul

Strathern; tradução, Marcus Penchel; consultoria, Danilo

Marcondes. — Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1999

(Filósofos em 90 minutos)

Tradução de: Kierkegaard in 90 minutes

Contém cronologia

Inclui bibliografia

ISBN 85-7110-500-6

1. Kierkegaard, Soren Aabye, 1813-1855. 2.

Existencialismo. 3. Filosofia dinamarquesa. I. Título.

II. Série.

CDD 198.9

99-0337 CDU 1(489) SUMÁRIO

.....

Sobre o autor

Introdução

Vida e obra

Pós-fácio

Citações-chave

Cronologia de datas significativas da filosofia

Cronologia da vida de Kierkegaard

Cronologia da época de Kierkegaard

Leitura sugerida

SOBRE O AUTOR

.....

PAUL STRATHERN foi professor

universitário

de filosofia e

matemática na Kingston University e é autor das séries “Cientistas

em 90 minutos” e “Filósofos em 90 minutos”, esta traduzida em

mais de oito países. Escreveu cinco romances (entre eles *A Season*

*in Abyssinia*, ganhador do Prêmio Somerset Maugham), além de

biografias e livros de história e de viagens. Foi também jornalista

*free-lance*, colaborando para o *Observer*, o *Daily Telegraph* e o *Irish Times*. Tem uma filha e mora em Londres.

INTRODUÇÃO

.....

Kierkegaard não foi de fato exatamente um filósofo. Pelo menos não no sentido acadêmico. E no entanto produziu o que muitas pessoas esperam da filosofia. Ele não escreveu sobre o mundo, mas sobre a vida — sobre como vivemos e como escolhemos viver.

Kierkegaard filosofou sobre o que significa estar vivo. Seu tema foi o indivíduo e a sua existência: o “ser existente”. Na visão dele, essa entidade puramente subjetiva está além do alcance da razão, da lógica, dos sistemas filosóficos, da teologia ou mesmo das “pretensões da psicologia”. No entanto, é a fonte de tudo isso.

O resultado

desse

pensamento

foi que filósofos,

teólogos

e

psicólogos em algum momento repudiaram Kierkegaard. O ramo

da filosofia — ou antifilosofia para muitos puristas — criado por

Kierkegaard viria a ser conhecido como *existencialismo*.

Levou algum tempo para o existencialismo pegar. Alguns

filósofos,

como

Nietzsche,

Husserl

e



Heidegger,

foram

existencialistas sem saber (segundo os existencialistas). Heidegger

negou-o com veemência e Nietzsche morreu antes que alguém

pudesse lhe dizer isso. Na verdade, só quase um século após a

morte

de

Kierkegaard

o existencialismo

vingou,

com

o

aparecimento em Paris do filósofo francês Jean-Paul Sartre após a

Segunda Guerra Mundial.

Os intelectuais parisienses estavam desesperados no pós-

guerra: não havia mais nada em que acreditar. O surrealismo, que

ganhara crédito intelectual ao se definir como absurdo, era agora

visto como ridículo. E com a ascensão de Stalin, os intelectuais

franceses achavam difícil até acreditar no comunismo (embora

sem dúvida tentassem). Então surgiu o existencialismo, que não

exigia que se acreditasse em nada. Na verdade, ressaltava mesmo

que o desespero era parte da condição humana.

O existencialismo logo fez furor e se espalhou para além dos

cafés da Rive Gauche, até os bares de Greenwich Village e de

Londres e os pontos *beatniks* de São Francisco. Também atraiu a atenção universitária nos dois lados do Atlântico. Era tanto uma filosofia de café quanto de universidade — uma mistura incomum do espúrio e do profundo. Isso revelou-se igualmente atraente para artistas, escritores, filósofos e charlatães, todos os quais deram uma contribuição para o seu desenvolvimento.

Nesse sentido, o existencialismo foi um justo precursor do behaviorismo, do estruturalismo, do pós-estruturalismo e correntes semelhantes, que fariam nas décadas seguintes.

A filosofia central do existencialismo — “o problema da existência” — foi considerada um produto típico do século XX, com suas características alienação, angústia, absurdo e preocupação com temas inquietantes do gênero. Mas tudo isso provém diretamente de Kierkegaard, nascido quase um século antes de Sartre.

Kierkegaard estava sem dúvida à frente do seu tempo. Mas também produziu um reexame, esperado desde muito, de uma das

primeiras

questões

filosóficas

a ser formulada: “O que é a

existência?”

Essa

questão

continuou

naturalmente a ser

formulada desde então por quase todo mundo, à exceção dos

filósofos. Para eles a questão era risível, inválida ou respondida de

modo tão completo por sua própria filosofia que não havia mais

necessidade alguma de continuar a formulá-la. Kierkegaard, por

outro

lado, insistiu

que todo indivíduo

deveria

não apenas

formular essa pergunta como fazer da própria vida uma resposta

subjativa

a ela. Essa ênfase

na subjetividade

é a principal

contribuição de Kierkegaard.

O problema da existência — ou do “ser” — esteve no cerne do pensamento de muitos dos primeiros filósofos. Antes que Sócrates e Platão introduzissem um elemento de razão na filosofia (tornando-a assim academicamente respeitável), os filósofos preocuparam-se muito com a questão do ser. Indagavam-se sobre o que significava estar vivo, qual era o sentido da existência. Essas questões ingênuas são hoje objeto de riso, consideradas indignas de estudo por filósofos sérios. Formulá-las simplesmente não faz sentido, dizem. Mas, meros mortais, continuamos teimosamente a formulá-las.

Na sua simplicidade,

alguns

até esperam

que a

filosofia

dê

uma

resposta.

Vários

filósofos

pré-socráticos,

jovialmente inconscientes da sofisticação dos filósofos do futuro,

insistiram mesmo em levar essas questões a sério.

Parmênides, que viveu na colônia grega de Eléia, sul da

Itália, no século V a.C, dizia que o ser era o único elemento

imutável

de todo o universo.

“Tudo é um.” Coisas como a

multiplicidade, a mudança e o movimento eram meras aparências.

Outros

filósofos

pré-socráticos

começaram

a questionar

a

diferença

entre a existência

das coisas

“reais” e as noções

abstratas ou as coisas imaginadas. O que diferenciava a minha

existência

da matemática

ou dos sonhos?

O que significava

“existir”?

Então surgiram Sócrates e Platão. “Conhece a ti mesmo” — e não “conhece o que significa ser tu mesmo” — tornou-se a ordem

do dia. O problema do ser desapareceu então da filosofia. Essa

noção fundamental

(talvez a mais fundamental

de todas) foi

simplesmente

ignorada.

Já

para

Platão,

a existência

era

simplesmente aceita como dada, não questionava a sua natureza.

Agora, pode-se argumentar que Platão foi o espírito filosófico

mais abrangente e profundo de todos os tempos — e, no entanto,

foi capaz de desprezar o que muitos consideram a mais importante

de todas as questões da filosofia. (Newton pode ter sido o espírito

científico mais abrangente e profundo de todos os tempos, mas

isso não impediu

Einstein  
de mostrar  
como o seu universo  
assentava  
numa  
falsa  
suposição.)

Apesar  
das  
opiniões  
contemporâneas  
em contrário,

*existe*

*essa.*

coisa

chamada

progresso fundamental. Sabemos mais e mais acerca do mundo,  
praticamente em todos os campos (exceto talvez em filosofia). Mas  
no nível da existência individual — da forma como Kierkegaard  
falava dela — permanecemos os mesmos. No que diz respeito ao  
ser subjetivo, parece não haver tal coisa chamada progresso.

Todos sofremos

(ou gozamos)

a mesma

situação:

a condição

humana. E assim é desde tempos imemoriais.

Pegando

a

deixa

de

Platão,

os

filósofos

seguintes

continuaram a ignorar a condição humana. A existência subjetiva — possivelmente a única coisa que todos indiscutivelmente temos em comum — foi deixada à contemplação dos filosoficamente tolos. Por quase dois milênios a filosofia de Platão e seu discípulo Aristóteles reinou soberana.

Só no século XVII a filosofia voltou à base, este alicerce fundamental do qual surgira originalmente: quem sou eu e o que quero dizer quando afirmo que “existo”? O filósofo francês René Descartes declarou: *Cogito ergo sum* (“Penso, logo existo”). Tudo que há na mente e no mundo pode ser posto em dúvida, tudo pode ser uma ilusão ou uma fantasia enganosa de algum tipo — tudo, exceto o fato de que estou pensando. A noção fundamental, a pedra absolutamente inquestionável sobre a qual toda a filosofia



deveria se assentar era mais uma vez vista como sendo o eu subjetivo. Mas esse era bem o eu de um intelectual francês. Só existia enquanto *pensava*. Sentimentos, percepções e assim por diante — tudo isso era passível de ilusão. O “eu” subjetivo podia saber que existia, mas não podia saber mais nada com certeza.

Era deixado nu e indefeso, exposto aos elementos enganosos: “o homem não acomodado”, escreveu Shakespeare, “não passa de um pobre e desnudo animal de casco fendido”.

Foi o filósofo alemão Kant quem afinal arranhou moradia adequada para abrigar essa pobre criatura indefesa. Ele construiu uma grandiosa mansão sob a forma de um sistema filosófico que a tudo abrangia, baseado na razão, que acomodava o “eu” subjetivo com majestoso esplendor. Kant foi seguido por Hegel, que ergueu um sistema abrangente ainda mais grandioso, baseado na noção de que “tudo que é racional é real e tudo que é real é racional”.

Mas de alguma forma tanto Kant como Hegel perderam de vista a questão original.

Seus sistemas não deram resposta

satisfatória à questão subjetiva: “O que é a existência?” Um sistema racional

pressupõe

um mundo

racional.

São apenas

respostas da razão a perguntas racionais. O “eu” subjetivo está

além da razão e não faz inteiramente parte do mundo. Kierkegaard

entendeu

isso. A resposta

não estava

na construção

de um

sistema perfeito que tudo explicasse. Havia um problema mais

fundamental que provocava questões como “o que é a existência” e

“qual o sentido de existir”. Foi Kierkegaard quem assumiu a tarefa

de responder a essas questões.

VIDA E OBRA

.....

Soren Aabye Kierkegaard nasceu em Copenhague em 5 de maio de

1813,

mesmo

ano de nascimento

do bombástico

compositor

alemão Richard Wagner. Essas duas personagens arquetípicas do

século

XIX ocupam

pólos

opostos

do espírito

da época.

Kierkegaard

seria tudo o que Wagner

não foi e vice-versa.

Praticamente

a única

coisa

que

tinham

em

comum

—

aparentemente indispensável ao gênio do século XIX — era um

traço de loucura. A loucura de Kierkegaard não era um aspecto

fundamental da sua constituição psíquica (foi o filho do seu irmão

quem acabou

num asilo de loucos), mas fica assim

mesmo

evidente

em

certas

esquisitices

contumazes

de

seu

comportamento. Toda a sua vida Kierkegaard foi obsessivamente

solitário e, em conseqüência, as poucas influências que sofreu

adquiriram

uma

importância

exagerada.

De longe a maior

influência sobre o jovem Kierkegaard foi exercida pelo pai, que

exibia

proximidade

muito

maior

com

a loucura

(e que

provavelmente

seria

tido

como  
louco  
numa  
sociedade  
mediterrânea mais sofisticada).

O pai de Kierkegaard

teve grande

influência

em sua

formação. Quase tudo o que ele se tornou foi resultado direto da despótica influência paterna ou uma reação violenta a ela. Houve pouca normalidade casual no relacionamento entre pai e filho.

Kierkegaard pai nasceu servo nas remotas charnecas da

Jutlândia, no norte da Dinamarca. A família era propriedade do

sacerdote local e trabalhava suas terras. Quase certamente se

deve a isso o nome de família

— Kierkegaard

é a forma

dinamarquesa do inglês *churchyard* [adro ou pátio de igreja, usado como cemitério]. Aos dez anos, o futuro pai de Soren Kierkegaard

passava os dias no campo, fosse qual fosse o clima, pastoreando

ovelhas. Segundo um de seus filhos, “ele sentia fome e frio ou,

então, ficava exposto aos raios ardentes do sol, abandonado com

os animais, sozinho e desamparado”. Era muito religioso, mas não

podia entender como Deus deixava que sofresse tanto. Um dia, levado ao desespero, pôs-se de pé numa rocha sobre a encosta desnuda e solenemente amaldiçoou a Deus.

Quase de imediato, as coisas deram uma guinada para melhor.

Um tio de Copenhague

mandou

buscá-lo

e lhe deu

emprego na sua loja de artigos de lã. O futuro pai de Kierkegaard revelou-se excelente vendedor, trilhando estradas e caminhos sob sol, chuva ou neve para vender meias e pulôveres aos camponeses e aldeões. Por fim juntou dinheiro suficiente para se casar e

montar

um lar. Quando

o tio morreu,

herdou

um negócio

próspero. Continuou a desenvolvê-lo até tornar-se um dos mais ricos comerciantes de Copenhague, por fim recebendo até mesmo a realeza à sua mesa de jantar. As cinco casas que possuía

resistiram ao bombardeio britânico de 1803, que arrasaram vastas áreas

da

cidade.

Dez anos

depois,

quando

a economia

dinamarquesa sofreu uma estrondosa bancarrota, Kierkegaard pai foi um dos poucos a sair incólume, tendo investido sua fortuna em títulos de toda confiança.

Mas já o homem que havia amaldiçoado a Deus sentia fundo contra si a maldição. Sua primeira mulher morrerá e ele havia se casado com a criada. Dos sete filhos, só dois sobreviveram. Então a segunda mulher também morreu.

Soren Kierkegaard era o caçula, nascido quando o pai já tinha 56 anos.

Sua infância foi pontilhada regularmente por mortes na família. Já oprimido pelo destino e obcecado pela religião quando

Soren nasceu,

Kierkegaard

pai tornou-se

um

tirano cada vez mais depressivo. Retirou-se do comércio para uma vida recolhida na sombria mansão da família. Logo reconheceu Soren como o mais inteligente dos seus rebentos, e este tornou-se

o favorito do pai. Em qualquer outra família essa poderia ter sido uma invejável posição, mas não na dos Kierkegaard.

Aos sete anos, Soren aprendia com o pai lógica à maneira deste. As declarações do menino eram submetidas a um exame perverso e ele era forçado a defender cada afirmação que fazia.

O relaxamento vinha sob a forma de longas viagens ao exterior, que tinham lugar nos limites do gabinete do pai. O jovem Kierkegaard

ouvia enquanto

o pai penosamente

descrevia

as

maravilhas arquitetônicas e culturais de lugares longínquos como

Dresde, Paris e Florença. Depois, o jovem Soren era encorajado a

fazer uma “grande viagem” pela saía, forçado a descrever em

detalhe

as vistas

que descortinava

— tais como a encosta

ensolarada do Fiesole sobre as cúpulas e torres de Florença (cada

uma das quais tinha de ser nomeada e descrita).

O resultado desse abuso contra a criança foi que o já

inteligente

Kierkegaard



filho

desenvolveu

uma

mente

extremamente lógica e uma soberba imaginação (embora um tanto

seca). Como muitos escritores modernos de guias de viagem, o pai

de Kierkegaard nunca vira efetivamente os longínquos recantos

românticos

que

descrevia.

Suas

viagens

foram

realizadas

inteiramente através dos livros — mas, apesar disso, não lhes

faltavam

detalhes

autênticos

e vigorosos.

Na sua

filosofia,

Kierkegaard mostraria mais tarde uma estranha habilidade para

imaginar situações (sobretudo bíblicas e psicológicas) que havia

experimentado

apenas

metaforicamente.

Essa

capacidade

decorreu diretamente do acompanhamento do pai nas viagens ao redor do quarto.

Num nível mais profundo, Kierkegaard pai parece ter querido assoberbar a cabeça do filho e impor-lhe sua própria visão do mundo com antolhos. Pais

dominadores sempre gostaram de

infligir

aos filhos

os objetivos

que

alcançaram

(ou, mais

comumente, os que não conseguiram alcançar), mas o pai de

Kierkegaard era diferente. Ele sentia-se compelido a fazer isso,

mas não tinha mais objetivos. Via-se amaldiçoado e chafurdava

num desespero total. Era esse desespero forçado que queria,

consciente ou inconscientemente, impor ao filho. Nos seus diários,

Kierkegaard pai contaria mais tarde de maneira penetrante a

história de um homem que olhava o filho certo dia e lhe disse:

“Pobre criança,

você vive em silencioso

desespero.”

Pareceria

tratar-se de um episódio autobiográfico (ou possivelmente um refrão corriqueiro).

Não era de surpreender que Kierkegaard fosse aluno um

tanto estranho

na escola.

Vestia-se

com roupas

antiquadas,

abotoadas até o pescoço, e comportava-se de modo antiquado.

Seus professores

o descreviam

como “um velhinho”.

Não se

destacava nos trabalhos escolares, embora com certeza estivesse

numa categoria intelectual diferente da dos colegas. O pai o

instruía

a não chamar

atenção

para sua inteligência:

devia

colocar-se em terceiro lugar na classe. O jovem Soren seguia

obedientemente as instruções. (Isso deve ter exigido ainda mais talento: qualquer gênio que desabrocha pode ficar em primeiro.)

Quando Kierkegaard cresceu, ficou claro que sua aparência esquisita devia-se não apenas a suas roupas antiquadas. Seu corpo era anguloso, espigado, e parecia ter sofrido uma doença da espinha que lhe dava uma ligeira corcunda. Nunca integrado na turma, o estranho Kierkegaard inevitavelmente atraía a zombaria dos colegas mais turbulentos. Logo aprendeu a defender-se com um espírito sarcástico. Começou então a usar *esse* sarcasmo agressivamente, provocando outros rapazes com seus comentários e atraindo suas bravatas. Esse traço de comportamento iria se manifestar de forma recorrente por toda a vida de Kierkegaard.

Como muitos introvertidos zelosos, Kierkegaard gostava de se achar o centro das atenções. Estava certamente acostumado a ser o centro das atenções do pai, e a ardente intensidade de sua vida interior significava que ele era inclusive o centro de sua própria atenção. Provocar os outros, mesmo que sofresse com isso, reforçava a ilusão de que o mundo girava ao seu redor. Esse complexo de mártir tornar-se-ia um importante fator da sua constituição psicológica.

Depois de deixar a escola, Kierkegaard matriculou-se na Universidade de Copenhague para estudar teologia. Parece ter sido aí um estudante surpreendentemente normal.

Rapidamente identificado por sua vasta erudição e humor irritadiço, fez figura nos círculos estudantis da provinciana Copenhague.

Logo desprezava o estudo de teologia em prol da filosofia. Interessou-se por Hegel, cujas idéias espalhavam-se feito praga por toda a Alemanha (e atingiam então proporções epidêmicas em várias nações filosoficamente menos importantes). A profunda seriedade de Hegel e sua visão austera e espiritualizada do mundo tocaram Kierkegaard. De acordo com o abrangente sistema hegeliano, o mundo desenvolvia-se num processo dialético triádico. Uma tese inicial gerava uma antítese, que eram então ambas enfeixadas numa síntese (que por sua vez era vista como uma nova tese e assim por diante). Seu exemplo clássico:

Tese — o Ser (ou a existência). Antítese — o Nada (ou o não-

ser, a não existência). Síntese — o Devir (o vir-a-ser).

Por meio dessa

dialética,

tudo se movia rumo a uma

autoconsciência maior e por fim para o Espírito Absoluto, que

incluía tudo à medida que se contemplava a si mesmo. Esse

Espírito Absoluto, que a tudo abarca, incluía até mesmo a religião,

vista como um estágio anterior da filosofia última (isto é, a de

Hegel). O apelo dessa filosofia para o introvertido Kierkegaard é

óbvio — não menos

nos seus aspectos

edipiano,

religioso e

narcisístico.

Embora

cheio de admiração

por Hegel, a relação

de

Kierkegaard com o filósofo alemão foi convenientemente dialética

desde o início. Ele o amava e odiava, acabando por criar uma

filosofia anti-hegeliana banhada em conceitos hegelianos — não

sendo o de menor importância sua própria versão da dialética.

Porém o mais importante é que desde o início Kierkegaard teve

dúvidas sobre o Espírito Absoluto e seu autoconhecimento. Para

ele, o autoconhecimento

tinha

que ser alcançado

no nível

subjetivo. Insistia que para os indivíduos o subjetivo tinha que ser mais importante que qualquer Espírito Absoluto. O reino subjetivo era nossa maior preocupação. Alguns comentadores engenhosos detectaram nisso tudo ecos inconscientes do relacionamento de Kierkegaard com o pai. E com certeza o jovem elemento subjetivo logo se veria em oposição ao Espírito Absoluto do pai.

Por essa época o relacionamento de Kierkegaard com o pai sofreu uma mudança radical. Passando adiante a maldição da família, Kierkegaard pai parece ter feito uma série de confissões ao filho sensível e impressionável. Contou como amaldiçoou a Deus muitos anos antes, numa colina da Jutlândia. Kierkegaard teria ouvido essa revelação com horror, logo em seguida mergulhando numa vida dissoluta de bebedeiras na universidade.

Alguns comentadores sagazes sugeriram que há aqui mais do que se pode enxergar à superfície. Nessa altura, Kierkegaard provavelmente

buscava

uma

desculpa

para

se libertar

da

influência autoritária do pai. Também parece certo que a pia  
confissão do velho incluiu mais do que meros assuntos teológicos.

Ele pode bem ter confessado que cometeu fornicação — dormindo  
com a empregada (a futura segunda esposa, mãe de Kierkegaard)

quando a primeira mulher jazia no leito de morte. Isso ajudaria  
também a explicar a dramática — ou dramatizada — mudança de

comportamento de Kierkegaard (que não era tão dissoluto quanto  
gostaria que acreditássemos). Mas também se sugeriu que as

confissões do pai continham algo mais sério que uma blasfêmia  
pueril e uma culpa pesada por pecadilhos. Na opinião do crítico

Ronald Grimsley, abertas referências nos diários de Kierkegaard  
indicam que o pai visitou um bordel e contraiu sífilis, que pode

mesmo ter sido passada ao filho. O comportamento subsequente  
de Kierkegaard

certamente

não desautoriza

essa apavorante

possibilidade.

Como parte de sua campanha de comportamento dissoluto

(que incluía pecados hediondos como beber em cafés de modo

desordeiro

e percorrer



a rua

principal

fumando

charuto),

Kierkegaard visitou um bordel. Como é mais freqüentemente o caso do que a maioria gostaria de admitir, essa iniciação foi um fiasco. Mais tarde nessa noite Kierkegaard rabiscou de forma incoerente

no diário: “Meu Deus, meu Deus...

(por que me

abandonastes?)

... Aquela

risadinha

bestial...”

*In extremis,*

Kierkegaard identificou-se com as palavras de Cristo na cruz.

Embora houvesse tentado escapar à religião, ela continuava sendo uma referência espiritual.

Essa seria a única relação sexual de Kierkegaard durante toda a vida. Observações posteriores no diário indicam que foi mais do que uma humilhação comum. Escreve que lhe foram “negadas as qualidades físicas exigidas para fazer [dele] um ser humano completo”. Em outras passagens refere-se com freqüência a um “espinho

na carne” e em certo ponto menciona

uma

“desproporção

entre

[sua] alma e [seu] corpo”. Só podemos

adivinhar os detalhes precisos de sua miséria pessoal, que parece

ter incluído a impotência sexual.

Alguns alegaram

que tudo isso imobilizou

Kierkegaard,

tornando toda a sua vida e obra um “caso especial”. Nada poderia

estar mais longe da verdade. Muito mais plausível é o argumento

de que sua miséria

pessoal

funcionou

como um tormento

constante, um agulhão que aumentava o seu sofrimento ao ponto

de torná-lo *mais* intensamente humano. Paradoxalmente, serviu

para afastá-lo da vida e, em outro nível, para mergulhá-lo mais

intensamente nela. Sua contínua miséria tornou-o ainda mais

consciente

das futilidades

e das profundas

implicações

da

condição humana.

Na primavera de 1836 Kierkegaard sofreu uma crise de desespero. Foi esmagado por uma visão do seu mundo interior, que viu extremamente corrompido pelo cinismo. O sarcástico

fumante

de charutos

que divertia

os amigos mascarava

um

abismo interior. Começou seriamente a pensar no suicídio.

Em 19 de maio de 1838, Kierkegaard teve uma experiência

espiritual a que se referiu no diário como “o grande terremoto”:

“Só agora... encontrei algum alívio no pensamento de que meu pai recebeu o árduo dever de nos confortar com o consolo da religião,

de ministrá-la a todos nós de modo que um mundo melhor se nos

abra, ainda que percamos tudo neste...” Abria-se assim o caminho

para seu retorno a Deus e uma reconciliação com o pai. E foi justo

a tempo. Apenas três meses depois o pai estava morto. Da

maneira como Kierkegaard o viu, o pai tinha morrido para que “se

possível eu me tornasse alguma coisa”. Sua poderosa imaginação

sempre o levava a mitificar os eventos que o afetavam de modo

profundo. Mas dessa forma dava sentido à sua vida.

A morte do pai de Kierkegaard deixou-lhe uma considerável

fortuna de mais de 20 mil coroas. (Kierkegaard calculou que isso duraria de dez a vinte anos.) Da noite para o dia tornou-se um dos jovens mais ricos e um dos melhores partidos de Copenhague.

Por quase doze anos Kierkegaard resistiu a fazer os exames universitários, sobretudo porque o pai queria que se graduasse em teologia e se tornasse pastor — perspectiva que pouco o atraía.

Mas agora tudo isso havia mudado. Com um raciocínio dialético caracteristicamente

perverso

(que

se

tornaria

típico

de

Kierkegaard), ele se convenceu de que, por estar agora livre da coerção paterna e com independência financeira para não precisar trabalhar, devia ao pai a obrigação de passar nos exames.

Durante dois anos estudou para valer, vivendo uma vida absolutamente cristã. Nesse período conheceu uma adolescente de boa família, Regine Olsen. Embora a garota tivesse dez anos menos que ele, Kierkegaard afeiçoou-se profundamente a ela.

Cortejou-a na maneira formal da época, enviando-lhe livros e lendo para ela, escoltando-a de braço dado pela Esplanada nas tardes

de domingo.

Regine ficou deslumbrada

com seu rico

pretendente, cujo brilhantismo e graças sociais eram temperados

por um toque de sedutora melancolia. A afeição de Kierkegaard

era igualmente profunda mas inteiramente espiritual. Na sua

inocência, Regine dificilmente percebia isso: tal comportamento

era considerado

bastante

normal

na sociedade

dinamarquesa

decente. O lado físico de qualquer relacionamento vinha depois —

e aí do pretendente que pensasse de outro modo. Apesar da sua

ingenuidade,

logo ficou claro para Regine que ela havia se

apaixonado por um jovem nada comum.

Kierkegaard era meticuloso com os livros que lhe dava.

Insistia em discutir de forma completa as idéias neles contidas,

instruindo-a sobre a maneira correta de interpretá-las. Parecia

que Kierkegaard queria dominar a jovem de 17 anos de modo tão

completo quanto seu pai o dominara. Mas Kierkegaard não era

feito da mesma obstinação do pai. Algo nele percebia que isso era

errado, que toda a situação era um erro. Mas ainda a amava. Às

vezes parava de ler para ela e Regine notava que ele chorava em silêncio. O mesmo ocorria quando, vez ou outra, ela tocava piano para ele.

Como

Regine

observou,

“Kierkegaard

sofria

medonhamente de melancolia” — o que se revelaria, além de tocante, tragicamente profético.

Quando

Kierkegaard

passou

nos exames

universitários,

ficaram noivos e ele começou sua formação para tornar-se pastor.

Uma vida normal acenava para ele. Mas Kierkegaard era incapaz

de uma

vida

normal

— e sabia

disso.

Espiritualmente,

psicologicamente, emocionalmente, fisicamente — em quase todos os níveis uma vida assim lhe era impossível. Mas o impossível havia acontecido: ele se apaixonara. Regine tornara-se bem mais que a protegida espiritual que ele havia pretendido. Ao mesmo tempo Kierkegaard sentia-se atraído por uma vida além do normal, uma vida “mais elevada”.

Mas ainda não sabia plenamente que vida era essa. Tudo o que sabia era que desejava dedicar-se a escrever, à filosofia, a Deus. E por isso sentia instintivamente que era necessário sacrificar tudo o mais.

Dois dias após ficar noivo, percebeu que tinha cometido um erro. Tentou romper o noivado da forma mais gentil possível, mas Regine

não compreendeu.

Ele lhe devolveu

seu

anel.

Ela

continuou sem compreender. (Regine sabia que ele a amava.)

Seguiu-se uma tragicomédia, que perturbaria Kierkegaard até o

fim da vida. Durante anos ele analisaria, fantasiaria, sofrendo

desilusões e dissecando suas reações com uma honestidade de

partir o coração. Quanto mais se preocupava com o assunto, mais

profundos ficavam seus pensamentos. O que começou como uma

agonia da escolha virou por fim A Agonia da Escolha — o dilema

que enfrenta toda a humanidade. A fórmula “o que devo fazer?”

universalizou-se em “como devemos viver?”

Kierkegaard tinha agora os dois temas que iriam gerar a sua

filosofia: o pai e Regine. Na provação da neurose, da obsessão e do

sofrimento,

o metal base da liga de suas

deficiências

seria

transformado na essência da condição humana.

Depois que Kierkegaard finalmente rompeu o noivado com

Regine, fugiu para Berlim. Ficaria um ano lá. Nesse período foi a

conferências do filósofo idealista romântico Schelling, que estava



decidido a libertar o pensamento alemão da enfeitiçada influência  
de Hegel. Essas  
conferências  
atraíram  
um público  
amplo,  
incluindo Bakunin (o anarquista russo), Burckhardt (o historiador  
que  
primeiro  
elaborou  
o pleno  
significado  
cultural  
do  
Renascimento) e Engels (a outra metade da famosa dupla política  
com  
Marx).  
Como  
Kierkegaard,  
esses  
gênios  
principiantes  
buscavam livrar-se da influência generalizada de Hegel. (Todos  
terminaram

por  
renegá-lo,  
ainda  
que  
duradouramente  
influenciados  
por ele.) Mas Kierkegaard  
ficou desapontado.

Schelling não percebera a questão: não havia compreendido que o sistema filosófico de Hegel e, de fato, todos os sistemas filosóficos eram agora coisa do passado.

Um sistema  
construído  
sobre  
princípios  
racionais  
(como qualquer  
sistema  
devia  
ser) só  
descrevia  
os  
aspectos  
racionais

do  
mundo.  
Kierkegaard  
compreendera — e experimentara plenamente — o fato de que a  
subjetividade *não* era racional.

Quando voltou a Copenhague, no final de 1842, levava um  
volumoso manuscrito intitulado *Ou isso ou aquilo: Um fragmento  
da vida*. A referência autobiográfica do título fica imediatamente  
evidente, embora tenha publicado a obra com pseudônimo (ou,  
mais precisamente, uma série de pseudônimos).

A história

desses

pseudônimos

é tão

complexa

(e

implausível) quanto um romance policial. Dizem que o próprio  
manuscrito foi descoberto numa gaveta secreta pelo editor Victor

Eremita

(cujo sobrenome

provém

da palavra

grega

antiga

significando *solitário on proscrito*). Eremita estudou a caligrafia do manuscrito e chegou à conclusão de que era obra de dois autores — um magistrado civil por nome Wilhelm (referido como B) e um jovem amigo anônimo (A). O

Seus papéis escritos pelo juiz Wilhelm (

B)

contêm dois tratados (sob a forma de longas cartas) seguidos por um sermão — o qual, de acordo com Wilhelm, foi escrito por um obscuro

sacerdote

da Jutlândia.

Entre

os textos

seguintes

encontra-se o famoso “Diário de um sedutor”. No prefácio a esse

diário, A diz que o roubou de um amigo, Johannes. Esta alegação

é desmentida por Victor Eremita, que sugere que Johannes o

Sedutor é provavelmente invenção de A e que a alegação de A de

ser meramente

o editor não passa

de “um velho truque

de

romancista”. Mas Victor Eremita complica ainda mais a questão

ao sugerir, no prefácio à obra como um todo, que seu próprio

trabalho de edição pode ser um disfarce semelhante.

Mais uma vez Kierkegaard viu-se em apuros, que de maneira bem característica

transformou

numa

agonia

da indecisão.

Colocando a coisa de modo simples, ele desejava esconder-se por trás de um pseudônimo, mas ao mesmo tempo queria deixar óbvio que *era* um pseudônimo (ou uma série de pseudônimos). Não queria expor-se como autor de material autobiográfico como o “Diário de um sedutor” (que era todo sobre seu relacionamento com Regine), mas deixa claro nesse texto que queria veladamente comunicar essa informação a Regine, de modo que ela soubesse da profunda agonia que ele sofrera. (Muitos leitores não filosóficos, atraídos por essa obra em função de seu título sensacional, podem se decepcionar. Desnecessário dizer, nenhuma transgressão física é descrita.)

Mas todo esse absurdo entediante e embaraçoso tinha um propósito sério. Como parte da abordagem dialética que permeava o seu pensamento, Kierkegaard queria expor idéias sob variados pontos de vista.

Nenhum

ponto

de vista único

devia ser

considerado correto ou autorizado (nem mesmo como sendo o do autor). Ao leitor cabia decidir por conta própria sobre as idéias muitas vezes conflitantes que expressava.

Para superar a aparência de didatismo, Platão acomodou suas idéias sob a forma de diálogos. Mas Kierkegaard era um solitário, e sua adoção da forma “caixa chinesa” parecia mais apropriada. No seu caso, os argumentos tinham lugar dentro de uma mente única. A base da sua filosofia era o subjetivo.

Mas o que exatamente

*disse*

em *Ou isso ou aquilo?*

Fundamentalmente sugeriu que há duas maneiras de viver a vida: a estética e a ética. Cada indivíduo tem oportunidade de fazer uma escolha entre as duas. Aí estão as sementes do existencialismo. Ao fazer essa opção, o indivíduo deve aceitar inteira responsabilidade por suas ações, que caracterizarão toda a sua existência do modo mais fundamental.

Indivíduos que optam pelo ponto de vista estético vivem basicamente para si mesmos e para o seu próprio prazer. O que não precisa ser uma atitude superficial em relação à vida. Ao trabalhar para o nosso próprio prazer, quase invariavelmente

trabalhamos também para o prazer dos outros, se pensarmos a longo prazo. Com efeito, poder-se-ia dizer que o cientista que altruisticamente

dedica

toda

a sua

vida à cura

de uma

enfermidade dolorosa, sacrificando com isso o prazer pessoal, doméstico e social, está também vivendo a vida estética se o faz simplesmente porque gosta da pesquisa científica. E no contexto da psicologia moderna e da sociedade liberal, é difícil ver como alguém *não* vive a vida estética. Cada um à sua maneira estranha e maravilhosa, parece que todos buscamos o prazer.

A falta de inclinação de Kierkegaard por esse ponto de vista era típica de sua época e lugar (a devota Escandinávia pré-freudiana), mas sua análise do que ele significa é sutil e profunda. Sabia do que estava falando: tinha vivido dessa forma no tempo de estudante e ainda sentia o peso da culpa pelo elemento que lhe restara disso.

Num nível básico, o indivíduo que vive a vida estética não tem o controle da sua existência. Ele vive o momento, levado pelo prazer. Sua vida pode ser contraditória, carente de estabilidade e certeza. Mesmo num nível mais calculado, a vida estética continua

sendo “experimental”. Sentimos certo prazer apenas enquanto ela exerce apelo sobre nós.

A inadequação do ponto de vista estético é fundamental.

Porque ele se apóia no mundo externo. Ele “espera tudo de fora”.

Dessa forma, é passivo e carente de liberdade. Apóia-se em coisas que estão, em última instância, além do controle da sua vontade — como o poder, as posses ou mesmo a amizade. É contingente, dependente do “acidental”. Não há nada “necessário” nele.

Se compreendermos essas coisas, veremos a inadequação última da existência estética. Quando um indivíduo que vive a vida estética reflete sobre sua existência, logo percebe que lhe faltam certeza e significado. Tal percepção freqüentemente leva ao desespero.

Esse desespero pode ser reprimido ou ignorado e pode ser mesmo completamente esquecido com uma existência burguesa respeitável. Em outros casos, um indivíduo pode chegar a ver esse próprio desespero como o significado da sua vida. Perversamente vai tranquilizá-lo de que pelo menos isso é certo. Quando nada, é algo de que não pode ser privado. Como o herói trágico, pode mesmo encontrar consolo dizendo-se que está



“fadado

por

natureza” a esse desespero.

Dessa forma pode se orgulhar do seu “heróico” desespero e

alcançar um nível de tranqüila compreensão. Mas Kierkegaard

logo aponta

a falha nesse

“fatalismo

sedutor”.

Ao aceitá-lo

renunciamos a algo vital, algo central à própria noção da nossa

existência. Renunciamos inclusive à possibilidade da liberdade. Ao

aceitar que estamos “fadados”, rejeitamos a responsabilidade por

nosso próprio destino individual. Não somos responsáveis por

nossas vidas; somos meros joguetes nas mãos do destino. Como

somos, como vivemos, não é creditado a nós, não é culpa nossa.

Kierkegaard é ótimo em detectar os subterfúgios da auto-

ilusão. (Ao rejeitar aquilo em que fundamentalmente acreditou no

seu tempo de estudante, experimentou-os todos em si mesmo.)

Sua eliminação das camadas de auto-ilusão aponta como

sair da condição estética. Podemos achar difícil concordar com

sua conclusão final (que inevitavelmente era o cristianismo, numa

aparência assustadoramente espiritual), mas os passos com que

nos leva ao

longo do caminho

são instigantes.

Pois, o mais

importante, ele nos leva para fora do abismo do desespero, para

uma vida em que assumimos plena responsabilidade pelo que

fazemos da vida.

O desespero

que Kierkegaard

descreve

é uma condição

profunda que se tornou cada vez mais dominante em nossa época.

A maneira como delineou esse desespero — a forma que adquire,

as falácias psicológicas por trás das quais se esconde — foi

extremamente premonitória. A solução que lhe deu foi igualmente

radical. A única resposta é assumir a posse integral da própria

existência e aceitar responsabilidade por ela. Esta, mais do que a

mensagem

final cristã,

foi a mais influente

contribuição

de

Kierkegaard. E deveria se tornar ainda mais importante no século

seguinte, à medida que o indivíduo perdia cada vez mais a fé em

Deus, vendo sua própria existência ameaçada pela psicologia

determinista,  
afogado na “cultura  
de massas”  
e negado pelo  
totalitarismo  
ou perdido  
nas  
complexidades  
da ciência.

A  
autocriação por opção consciente muitas vezes pareceu a única  
alternativa ao desespero. Nas palavras de Kierkegaard, a maneira  
de escapar do abismo é “querer profunda e sinceramente”.

(Usei em geral

o masculino

“ele” quando

expus

os

argumentos de Kierkegaard. Mas isso não indica uma limitação  
desses argumentos — isto é, que se apliquem somente a metade  
da raça humana —, apenas uma limitação lingüística. A escolha  
do masculino em vez do feminino não se deve inteiramente a um  
preconceito machista mas visa refletir a natureza profundamente  
autobiográfica da filosofia de Kierkegaard. Em quase todas as

instâncias

ele

viveu

pessoalmente

os

estados

mentais,

argumentos, angústias e desesperos que descreve.)

Isso nos leva à alternativa para a vida estética — a vida

ética. Aqui a subjetividade é o “absoluto” e a principal tarefa é

“fazer a opção”. O indivíduo que vive a vida ética cria a si mesmo

com sua opção, e a autocriação

se torna o objetivo da sua

existência. Ali onde o indivíduo estético meramente aceita-se tal

como é, o indivíduo ético procurar conhecer e mudar a si mesmo

por escolha própria. Será guiado nisso pelo seu autoconhecimento

e sua vontade — não de aceitar o que descobre, mas de tentar

melhorar isso.

Aqui vemos a categórica diferença entre o estético e o ético: o

primeiro preocupa-se com o mundo exterior, o último com o

mundo interior. O indivíduo ético busca conhecer a si mesmo e

tenta transformar-se em algo melhor — ele busca tornar-se um

“eu ideal”. Não é claro por que precisamente escolheria fazer isso,

a não ser que aceitemos que ao se conhecer ele está fadado a se

iluminar e, assim, a pretender uma vida “mais elevada” no que diz respeito a um conjunto de padrões éticos.

O que fica claro é que o indivíduo

ético não é mais

contingente, inconsistente ou acidental. Ele “expressa o universal

na sua

vida”.

Ao fazê-lo,

penetra

o reino

de categorias

fundamentais como o bem e o mal, o dever e assim por diante. O

argumento de Kierkegaard sobre como o indivíduo ético passa do

“absoluto” da subjetividade para esse “sistema de vida universal”

não é muito convincente. Ele supõe que nós automaticamente

reconhecemos

o ético como superior

e que por isso somos

naturalmente atraídos por ele. Como assinalei, a psicologia do

século XX questiona o primeiro; e essa última implicação envolve

a mais antiga

de todas

as falácias.

(Isto é, a de que, ao

reconhecermos algo como bom, achamos que devemos praticá-lo.)

Mas Kierkegaard torna clara o bastante sua distinção básica

entre

o estético

e o ético.

Um é “externo”,

contingente,

inconsistente e autodissipante; o outro é “interior”, necessário,

consistente e autocriativo. Isto é convincente, distante de uma

falha básica. Jamais podemos viver uma vida exclusivamente ética

— sempre

haverá

necessariamente

um elemento

“exterior” e

acidental em nossas vidas. Mesmo quando escolhemos o ético, um

elemento estético está fadado a permanecer.

Por um processo dialético, essa própria insatisfação em

relação ao ético traz agora um terceiro ponto de vista que é uma

síntese dos dois opostos anteriores: o estético e o ético. A isso

Kierkegaard chama religião, de que tratará na sua obra seguinte,

*Temor e tremor* (escrita

sob o pseudônimo

de Johannes

de

Silentio).

Nessa obra Kierkegaard examina a noção de fé, que define

como o ato subjetivo último. É um ato irracional — um “salto”

para além de toda justificação possível. Nada tem a ver com a

ética ou o bom comportamento. A vida ética, com sua noção de

autocriação

e escolha

responsável,

é incapaz

de acomodar

plenamente o salto da fé. Essa “irracionalidade superior” está além

do ético, que requer um comportamento racional. A fé liga o

indivíduo a algo superior, que é a própria essência de tudo quanto

é ético. De acordo com Kierkegaard, a vida ética diz respeito

basicamente à religião no sentido social, mas alcançar o estado

religioso requer uma “suspensão teleológica do ético”. Em outras

palavras, é necessário suspender *nossos* padrões éticos de modo

que possamos transcendê-los e alcançar um propósito maior.

O religioso, segundo Kierkegaard, pode ser visto como uma

síntese dialética do estético e do ético. Combina a vida interior e a

exterior, a certeza e a incerteza (o salto da fé estendendo-se para

além de toda certeza).

Kierkegaard ilustra o estado religioso com a história bíblica

de Abraão e Isaac. Para testar sua fé, Deus ordena a Abraão que mate o filho Isaac. Esse ato só pode ser visto como eticamente errado — mas a verdadeira fé (exigência do estágio religioso) envolve o propósito divino, que rejeita e suplanta toda demanda meramente ética.

Abraão se dispõe a seguir a ordem de Deus, independente da repugnância que possa sentir por semelhante ato. Nisso está levando uma vida no nível religioso, que é superior à vida ética porque tem fé na divindade da qual o ético se origina.

Muitos,

com razão,

verão nessa

atitude

uma

perigosa

loucura.

Os

fanáticos

religiosos

em

toda

a história

se

comportaram dessa maneira. Da mesma forma, os tiranos e os



*Führer* obedeceram a comandos psicológicos similares. E a chave desse problema é a psicologia.

A única defesa efetiva de

Kierkegaard, aqui, é que está lidando com um diálogo da alma, não de um ato público. Olhem Abraão e Isaac como elementos distintos da mesma pessoa e tudo fica não apenas mais claro como até mesmo plausível. O sacrifício é necessário se desejamos alcançar algo. Esse sacrifício é geralmente irracional e pode até contradizer nossas noções anteriores de certo e errado.

Subjetivamente, muitas vezes descobrimos nosso propósito na vida através de um salto irracional da fé que pouco ou nada tem a ver com o ético. Kierkegaard relaciona isso ao religioso. Mas é também o modo como qualquer

pessoa

dá à sua vida um

propósito

absorvente

— ao “acreditar

em si mesma”

como

qualquer coisa, seja um artista ou um futuro primeiro-ministro ou um comediante de destaque. Como colocou Kierkegaard, “a vida de um poeta começa em conflito com toda a existência”.

Kierkegaard examina longamente a história de Abraão e

Isaac e não é difícil ver por quê. Mais uma vez reflete-se aí

fortemente a sua ruptura com Regine. Como vimos, isso pode ter

parecido “errado” no sentido ético, mas Kierkegaard o viu como

necessário ao pretender seguir a vida religiosa. Também não é

difícil ver obscuros reflexos do seu relacionamento com o pai. No

último instante Deus deteve a mão de Abraão, e Isaac não foi

sacrificado.

Kierkegaard

fora levado

à beira

da destruição

espiritual pelo pai dominador, que então morreu para que o filho

pudesse se “tornar alguma coisa”.

Aos 30 anos de idade, Kierkegaard dedicava sua vida quase inteiramente a escrever. Não via mais os velhos colegas e levava uma existência solitária. Só saía para longas caminhadas pelas ruas de Copenhague, onde sua aparência cada vez mais excêntrica chamava a atenção. Figura magra e recurvada, usava um chapéu alto e calças apertadas com uma perna sempre mais curta que a outra. Aparentando ser mais velho do que era, já passava por um homem de meia idade. Ocasionalmente parava e conversava com criancinhas. Dava-lhes pequenos presentes e elas cautelosamente se deliciavam com o humor travesso daquele estranho e jovem velhinho.

Nos fins de semana

Kierkegaard

alugava

um coche e

passeava pelos jardins da cidade ou ia até o campo. Permaneceu cômico do seu status como filho de um dos comerciantes mais ricos da cidade. Mas a família Olsen tinha ficado ultrajada com o seu comportamento em relação a Regine e o resultado foi que a sociedade educada o colocou no ostracismo.

Nos domingos ia à igreja. Entre os outros membros da congregação muitas vezes via Regine. E ela o notava. Não se falavam, mas estavam bem cientes da presença um do outro.

Embora a tivesse ferido gravemente (e mais ainda a ele mesmo), permanecia um laço oculto entre eles. Com todo o seu auto-exame psicológico

e

sua

honestidade,

Kierkegaard

continuava

curiosamente propenso à ilusão. Não conseguia evitar a esperança de que algum dia, de alguma forma, ele e Regine se uniriam de novo, presumivelmente em algum tipo de laço espiritual. Embora soubesse que era impossível, não podia impedir-se de desejar o impossível. A análise que fazia da relação deles continuava a ser uma preocupação constante. E isso apenas contribuía para seu autoconhecimento cada vez mais profundo. Tornou-se por demais

consciente dos infindáveis subterfúgios que a mente emprega

consigo

mesma.

O que

havia

começado

como

um

fiasco

extremamente

pessoal

da

inadaptação

levou-o

a ver

as

inadequações

universais

da

natureza

humana.

A própria

subjetividade era impossível, embora tivesse que ser vivida.

Enquanto isso, continuava a escrever obsessivamente. Nos

dois anos seguintes (1844-46) publicou meia dúzia de livros com vários pseudônimos, entre eles os de Johannes Climacus (João Alpinista), Vigilius Haufniensis (Vigia da Esterqueira), Hilarius

Encadernador

(nenhuma

hilaridade

aqui,

aliás)

e Frater

Taciternus (estranha escolha para um autor vítima de logorréia). A

essa altura, como bem havia esperado, os literatos de Copenhague

começaram a adivinhar a verdadeira identidade daquele silencioso

e hilariante escalador da esterqueira.

As idéias de Kierkegaard continuaram a desenvolver-se num

ritmo similar ao de sua produção literária. Sua análise da noção

de existência seria crucial para o posterior desenvolvimento do

existencialismo.

Para

Kierkegaard,

a

existência

era

um

“irracional”. (Em matemática, um irracional é uma quantidade que

não pode ser expressa em números ordinários, como pi.) Para ele,  
a existência  
era o que restava  
depois que tudo o mais era  
analisado. Estava simplesmente “aí”. (Kierkegaard comparava-a a  
uma rã que se descobre no fundo da caneca de cerveja depois que  
se termina de beber a cerveja.)

Mas

quando

examinamos

nossa

própria

existência,

descobrimos que é mais do que simplesmente estar “aí”. Ela  
precisa ser vivida. Tem que ser transformada em ação por meio do  
“pensamento subjetivo”. Esse é o elemento essencial da nossa  
subjetividade, que conduz à verdade subjetiva. Aqui vemos o que  
Kierkegaard quer dizer quando afirma que “a subjetividade é a  
verdade”.

Para Kierkegaard

há dois tipos de verdade.

A verdade

objetiva, como a da história e a da ciência, está ligada ao mundo  
exterior. Pode ser confirmada por referência a critérios externos.

Em outras palavras, a verdade objetiva depende do *que é* dito. A verdade subjetiva, por outro lado, depende de *como* se diz uma coisa.

Ao contrário

da verdade

objetiva,

a subjetiva

não tem

critérios objetivos. Kierkegaard dá o exemplo de dois homens que fazem suas orações. Um reza à “verdadeira concepção de Deus” (a cristã, para Kierkegaard), mas o faz com “espírito falso”. O outro é pagão e reza a seu ídolo primitivo, mas com uma “paixão total pelo infinito”. Para Kierkegaard

é o segundo

que possui

a maior

verdade subjetiva, pois reza “de verdade”. A noção de verdade subjetiva de Kierkegaard equivale à sinceridade, só que um pouco mais além. Envolve um apaixonado compromisso interior.

As verdades

subjetivas

são as mais importantes

para

Kierkegaard



porque

estão fundamentalmente

ligadas

à nossa

existência. Como vimos, não têm qualquer critério objetivo; ao

contrário, estão ligadas ao “irracional” que permanece quando

todos os critérios

objetivos

já foram analisados.

A verdade

subjéctiva diz respeito assim ao próprio fundamento dos nossos

valores — não tanto ao facto de serem ou não “correctos”, mas à

natureza do nosso compromisso com eles.

De acordo

com essa visão, nenhuma

moralidade

pode

derivar do facto objectivo. É bem curioso que Kierkegaard se alie

aqui a um filósofo escocês do século XVIII, profundamente céptico e

ateu, chamado David Hume. Segundo Hume, tudo o que podemos

saber é o que experimentamos. Daí derivamos os chamados factos.

Mas desses factos não é possível derivar nenhuma moralidade. Só

porque a sobriedade é propiciadora de um comportamento correcto

não podemos por isso dizer que *devemos* permanecer sóbrios.

Kierkegaard e Hume concordam que um “dever” não pode decorrer de um “ser”. (Esse procedimento, que tenta incluir a ética na filosofia, é hoje conhecido como falácia naturalista.)

Mas a crença de Kierkegaard na superioridade da verdade subjetiva (em relação à verdade objetiva) levou-o a duvidar da visão

de Hume

sobre

a primazia

do fato.

Corretamente

Kierkegaard percebe que mesmos os chamados fatos podem ser determinados por nossa atitude. Em considerável medida, nossos valores

determinam

os “fatos”. Confrontados

com a mesma

realidade, o cristão e aquele que busca o prazer podem ver “fatos”

diferentes. (Por exemplo, diante de um bordel ou de um retiro

religioso.) Dessa forma, cada indivíduo é, em certa medida, o

criador do seu próprio mundo. E cria seu mundo em função dos

valores que tem.

Não é difícil ver nesse

pensamento

as sementes

do

relativismo atual, com sua rejeição de toda a noção de verdade objetiva. Kierkegaard também antecipa a fenomenologia do século XX, que vê todas as formas de consciência como “intencionais” — em outras palavras, a consciência tem sempre um propósito.

Vemos

o mundo

do jeito que vemos

em função

do que

pretendemos fazer com ele. Como observa Wittgenstein: “O mundo do homem feliz é diferente do mundo do infeliz”, cuja aparente banalidade adquire um caráter mais profundo quando se percebe que se trata

aqui do exercício

da vontade.

Como percebeu

Kierkegaard, o indivíduo vê o mundo que quer ver, o que depende dos valores que escolheu previamente, aqueles segundo os quais ele vive, *que fazem dele o que ele é*. Kierkegaard argumenta, assim, que os valores que fazem do indivíduo o que é também fazem o mundo.

O ponto de vista fenomenológico pode ser verdadeiro para o

cientista que acredita na ciência, cujo mundo é diferente do mundo do historiador que acredita na história — mas tem sérios inconvenientes. O maior deles é o perigo do solipsismo — o ponto de vista de que só eu existo, de que o mundo está todo aqui para mim. Como diria Kierkegaard, só eu sou responsável pelo meu mundo (isto é, o mundo que habito). Isso foi levado aos seus extremos

lógicos no século XX pelo existencialista

Jean-Paul

Sartre. Quando servia no exército francês em 1940, achou que devia aceitar toda a guerra mundial como responsabilidade sua.

Esse sublime egoísmo (façanha possível somente a um verdadeiro intelectual) pode ser um tônico moral, mas dificilmente leva a uma visão de mundo que tenha alguma utilidade.

Esse, porém, era exatamente o tipo de tônico moral que

Kierkegaard buscava. Seu objetivo era tornar a existência o mais intensa possível. Só dessa forma a vemos tal como é, pelo que é, e o que *pode* ser.

A existência é um risco colossal. Jamais podemos saber se a maneira de viver que escolhemos é a correta. Qualquer um que perceba isso *plenamente*, que tenha uma consciência constante disso, está fadado a se angustiar, segundo Kierkegaard. Essas verdades subjetivas, que não se apóiam em nenhuma evidência objetiva, baseiam-se em nada. Literalmente. Assim passamos a

conhecer o nada da existência, a incerteza última que jaz no coração da existência. A vida é fundamentalmente tateante e ilusória.

Mesmo a própria consciência é uma contradição. Trata-se de uma interseção do ato e da potência, do ponto de encontro do que é e do que não é. (Como também colocou Kierkegaard, “a vida é entendida em retrospecto mas vivida para adiante”.) A consciência está assim em oposição consigo mesma: é uma “duplicidade”.

Como notou Kierkegaard, as palavras *duplo* e *dúvida* têm a mesma raiz. (Vêm de “duo”, com a dúvida significando duas possibilidades.) A própria consciência é uma forma de dúvida. Isso questiona o próprio Descartes, o filósofo que duvidou de tudo mas acabou descobrindo que não podia duvidar que estava duvidando, isto é, que estava antes de mais nada pensando. Mas Kierkegaard mostrou que a consciência (ou o pensamento consciente), longe de ser segura, é ela mesma uma forma de dúvida. Por quê? Porque na consciência duvidamos da própria existência.

Mas será que se trata, no caso, de uma cobra que engole o próprio rabo? Aqui estamos de fato em terreno ilusório, com os poucos conceitos que temos ficando ainda mais escorregadios. Por exemplo: tudo bem dizer que mesmo a consciência está sujeita à dúvida, mas será que algo que não existe pode fazer alguma coisa, quanto mais duvidar de si mesmo? Os defensores de Kierkegaard argumentam que ele não diz que a consciência não existe, apenas

duvida

de sua existência.

Esse é um ponto crucial.

O que

Kierkegaard diz é que é possível “duvidar da consciência aos pouquinhos”. Mais uma vez revertendo ao ceticismo de Hume, ele viu que é possível questionar a continuidade da consciência. Não *experimentamos* essa continuidade entre um momento e outro.

Tudo o que experimentamos é o momento, o presente.

A consciência é, portanto, extremamente precária. Assim que

nos conscientizamos

disso, a existência

torna-se

ainda

mais

arriscada. O que fica mais enfatizado quando temos em mente que podemos morrer a qualquer momento (fato que aprendemos com a experiência e também com a percepção da falta de continuidade da consciência). Simultaneamente deveríamos estar cientes da completa liberdade que temos a cada momento. Podemos escolher *qualquer coisa* — podemos transformar completamente nossas

vidas. A cada momento

somos confrontados

com a suprema

liberdade. Essa é a verdadeira situação que enfrentamos. Como resultado, quando temos plena consciência da realidade da nossa situação, sentimos “pavor”, angústia.

Kierkegaard escreveu um livro inteiro sobre *O conceito de angústia*, uma das mais importantes obras de psicologia pré-freudianas. Nela Kierkegaard distingue dois tipos diferentes de medo ou angústia. Primeiro, o medo que sentimos quando somos ameaçados por algo exterior (por exemplo, um leão que rugir). O segundo tipo de medo resulta de uma experiência interior — a confrontação com as ilimitadas possibilidades de nossa própria liberdade. Quando nos tornamos conscientes dessa liberdade, percebemos sua enormidade e sua irracionalidade. (Como assinala Kierkegaard, é impossível provar que temos liberdade, porque essa prova envolveria a necessidade lógica, que é o oposto da liberdade.)

A liberdade nada tem a ver com a filosofia. É uma questão psicológica, que depende de nossa atitude ou estado mental.

Nosso estado mental nos faz compreender nossa liberdade. E percebemos nossa liberdade em toda a sua extensão quando experimentamos o estado mental chamado medo. Nesse sentido, o indivíduo não existe em absoluto como “ser”, existe apenas num

estado de constante “vir-a-ser”. O medo que isso provoca é o terror que mora no coração de toda normalidade. Percebê-lo plenamente mergulha a pessoa na loucura. Segundo Kierkegaard, a única maneira de escapar disso é dar o salto igualmente irracional da fé. O indivíduo é “salvo” assim dessa loucura e desintegração ligando sua interioridade subjetiva a Deus. (Outros podem preferir fugir dessa situação com a “crença” na ilusão da realidade cotidiana, onde essa desconcertante liberdade é estranhamente disfarçada pelas demandas da normalidade.)

Mas será que a consciência da nossa liberdade essencial é de fato suficiente para despertar em nós essa terrível sensação de pânico?

Ou apenas

gênios como Kierkegaard

ou Kafka são

capazes de perambular por aí num estado constante de angústia com as possibilidades de sua própria existência? Talvez. Mas nós, os medíocres — a maioria saudável —, também podemos sentir esse pavor. Andando por uma trilha num rochedo sentimos medo de cair e a vertigem do abismo. Mas parte dessa sensação deve-se também a um curioso impulso que parece ao mesmo tempo nos atrair para a beirada e nos repelir. Segundo Kierkegaard, isso se deve à consciência de que poderíamos nos jogar dali — o medo dessa liberdade que está ao nosso alcance. Aí também sentimos



pânico,  
angústia:  
a loucura  
e o terror  
que  
subjazem  
à  
normalidade.

Em 1844 Kierkegaard concluiu *O conceito de angústia e*  
também  
um livrinho  
intitulado  
*Migalhas*  
*filosóficas*.

A este  
acrescentou  
extenso  
*Pós-escrito*  
*conclusivo*  
*não*  
*científico*:

*Composição mímico-patético-dialética, uma contribuição existencial*  
(sob o pseudônimo de Johannes Climacus mas “publicado por S.  
Kierkegaard”).

Aí aparece

pela

primeira

vez

a

palavra

*existencialista*

— na sua forma dinamarquesa

*Existensforhold*

(“condição de existência, relação existencial”). Kierkegaard a essa altura já tinha escrito mais de um milhão de palavras em cinco anos e não era de espantai que se sentisse perdido sobre o que dizer.

Assim, mantendo a sua filosofia, ele decidiu agir — criar a si mesmo fazendo uma opção importante. Sua decisão de agir foi caracteristicamente perversa. Algumas de suas obras publicadas sob pseudônimo receberam críticas razoavelmente favoráveis na revista *Corsair*. Era a folha satírica e escandalosa de Copenhague, famosa pelos ataques e vitupérios contra personalidades locais.

Kierkegaard

optou

então

por instigar

a *Corsair* a atacá-lo,

publicando uma carta maldosa contra a revista (“é um insulto ser elogiado em tal publicação”) e revelando a identidade dos seus editores anônimos (o que fez um deles perder a oportunidade de um cargo no magistério).

O resultado era previsível. Por vários meses, todas as edições de *Corsair* trouxeram ataques a Kierkegaard e seus pseudônimos.

Sua aparência foi caricaturada, suas roupas ridicularizadas e suas idéias viraram motivo de zombaria. Antes, Kierkegaard era notado

como uma figura estranha,

um escritor

e intelectual

talentoso que fora “acometido de religião” e se tornara um recluso

depois

de um amor infeliz. Nas ruas

era visto como uma

curiosidade, mas pouca atenção despertava em geral. Agora tudo

isso mudara. Em função da série de artigos e desenhos na *Corsair*,

o homenzinho magro, curvado e envelhecido, com seu andar de

caranguejo, suas calças com pernas de tamanho desigual e seu

grande guarda-chuva, tornou-se objeto da chacota pública. Nas

ruas, crianças e rapazolas passavam correndo por ele, fazendo

zombarias. Lojistas e membros respeitáveis da sociedade riam

abertamente quando ele passava.

Kierkegaard

era

uma

personalidade

sensível

e seus

sofrimentos com esse tratamento podem ser imaginados. Mas a questão é que ele mesmo atraía tudo isso. Ele sabia exatamente o que estava fazendo. (“Aluga-se a *Corsair* para abusar, assim como se aluga um tocador de realejo para fazer música.”) Então por que ele o fez? Como seria de esperar

em se tratando

de uma

personalidade tão complexa, a resposta não é nada simples. Não há dúvida de que era uma manifestação do mesmo complexo de mártir que o levava a espicaçar os colegas mais velhos na escola.

Não há dúvida também de que o desprezo público por sua obra tinha algo a ver com isso. Kierkegaard tinha agora 33 anos de idade e ainda mal era conhecido como escritor. Assim, se não podia ser famoso, ficaria notório.

Por trás dessa

dubiedade

e egoísmo,

Kierkegaard

tinha

também

um propósito

mais

sério

e sincero

(embora

não

desprovido de egoísmo e dubiedade). Queria ser ultrajado pelos concidadãos para se tornar um homem melhor. Usava-os para tornar-se um cristão melhor. Se queria viver a vida do espírito, a única que valia a pena, essa era uma maneira de se estimular. (Se suas aspirações menores de antes foram em parte inconscientes, essa certamente não o era.) E naturalmente havia uma razão subjacente a todas elas. Nas palavras do único contemporâneo de Kierkegaard

que a ele se compara

como pensador

religioso

(Pascal), “o coração tem razões que a própria razão desconhece”. A

razão que se escondia no coração de Kierkegaard era Regine. Ele desejava chamar sua atenção, mostrar-lhe como estava sofrendo.

Mas se sua intenção era cativar Regine, ele evidentemente

fracassou. Nessa época ela ficou noiva de outro homem e um ano

depois se casava. Isso feriu profundamente Kierkegaard, embora não o demonstrasse.

O que deixava

ver era o prematuro

envelhecimento

em suas feições encarquilhadas.

Os anos de

sofrimento intenso, ascetismo, isolamento e constante esforço

mental começavam a cobrar seu tributo. Mas, apesar de todo o

seu discernimento cada vez mais profundo da condição humana,

ainda apegava-se à sua impossível ilusão, sonhando que um dia

se uniria de alguma forma a Regine. (Aos domingos ainda se viam

na igreja.)

Em abril

de 1848

Kierkegaard

teve uma

experiência

religiosa. “Toda a minha natureza mudou”, escreveu no diário.

Percebeu que apenas seu amor por Deus poderia protegê-lo da

preocupação excessiva consigo mesmo. Daí em diante passaria a

escrever diretamente a palavra de Deus, não mais se escondendo

por trás de pseudônimos. Fez isso numa outra série de livros,

meia dúzia de obras nos três anos seguintes.

A visão

religiosa

de Kierkegaard

é totalmente

louca,

adequada apenas a santos e misantropos dedicados. Na sua

opinião, “toda a existência humana opõe-se a Deus”. No centro da

religião

de Kierkegaard

(como também

no coração

da sua

psicologia) está a noção da Queda — a perda da graça do Jardim

do Éden pela humanidade.

Essa queda

foi o egoísmo,

cujas

principal manifestação era o sexo. Como sempre, tudo culpa das

mulheres, que ganham com a experiência imagem bem negativa.

“As mulheres são o egoísmo personificado... Toda a história do

homem e da mulher é uma enorme intriga construída sutilmente

ou um truque calculado para destruir o homem como espírito.” A

única resposta é o celibato — *em escala universal*. A vontade de

Deus só será cumprida quando toda a raça humana se extinguir.

Espantosamente,

no

meio

de

todo

esse

disparates

hilariantes,

Kierkegaard

continuou

a produzir

pensamentos

valiosos.

Mais uma

vez lançou-se

contra

sua *ovelha negra*

filosófica, Hegel, com uma devastadora crítica visando demonstrar

a fraude

do hegelianismo

e a patética

inadequação

de sua

pretensão de explicar a existência. Kierkegaard insistia que era



impossível compreender a existência intelectualmente, com a mera construção de um vasto sistema ao seu redor. Assim que se identificava a existência com o pensamento racional, não havia mais lugar para a fé.

Em *Enfermidade mortal*, Kierkegaard analisa o desespero,

que vê como o fracasso

da “vontade

de ser o eu

que se é

realmente”. É um terreno perigoso. Na verdade, a afirmação de

Kierkegaard aqui contradiz sua alegação anterior de que o eu não

existe como ser mas como vir-a-ser. Pressupõe um “eu que se é

realmente”. Kierkegaard camufla essa questão falando adiante do

“eu que se é potencialmente”.

Mas cada indivíduo

tem um

“verdadeiro eu” ou mesmo um único “eu potencial” particular?

Essa é uma questão fundamental. Há uma categórica diferença

entre usar as várias potencialidades da pessoa (que podem ser

contraditórias ou mesmo mutuamente exclusivas) e visar um

hipotético “eu verdadeiro”. A maioria dos indivíduos é confrontada

desde o início com uma variedade de opções de vida, cada uma

das quais pode incluí-lo

como “fiei a si mesmo”

— isto é,

atualizando algumas ou muitas das suas potencialidades. Não é possível cumprir *todas* as potencialidades do indivíduo. (Albert Schweitzer era um músico de padrão profissional mas preferiu dedicar suas energias ao trabalho missionário. Qual era o seu “verdadeiro eu”?) Como acontece com muitos que nos encorajam a “sermos nós mesmos”, há um propósito oculto aqui se *esse* “eu verdadeiro” já está determinado.

E se não está precisamente determinado? Com certeza é ainda possível falar em “descobrir” nosso verdadeiro eu? Não; a descoberta envolve algo que já está lá, ainda que desconhecido. O

melhor

argumento

contra

a

“autodescoberta”

foi

usado

anteriormente pelo próprio Kierkegaard. Ele falou em utilizar a opção para *criar* o próprio eu. Essa é a verdadeira liberdade (produtora de *Angst*), na qual ele insiste em outra parte.

Mas voltando ao desespero. Para Kierkegaard, o desespero inconsciente ocorre quando um indivíduo se identifica com algo exterior a ele. Isso pode ser fútil (querer ser o próximo Einstein) ou

o pináculo da ambição (casar com Madonna). Nos dois casos, o indivíduo fica à mercê do destino: outra pessoa se torna Einstein ou sua proposta é cruelmente recusada. Por não alcançar seu eu ambicioso, o indivíduo não consegue suportar-se. O resultado é um vazio interior, acompanhado de uma vontade inconsciente de morrer.

O desespero consciente tem noção de si mesmo. Isso ocorre de duas maneiras. A falsa noção de desespero consciente se dá quando um indivíduo sabe que se desespera mas imagina que tal não acontece com os outros. (“Ninguém sabe como me sinto.”) Isso o leva a um desespero ainda maior. A verdadeira noção de desespero consciente percebe que o desespero é na verdade parte da condição humana e, como tal, parte de todo ser. Esse verdadeiro desespero é, portanto, consciente de pertencer a um eu. A única maneira de um indivíduo escapar ao desespero é “optar pelo seu próprio eu” e dar o salto da fé. Aqui Kierkegaard revela seu propósito oculto: o único “eu verdadeiro” é o crente. Kierkegaard continuou a escrever furiosamente até passar dos 40. Estava mais velho do que era na verdade e o dinheiro

começava

a faltar.

Precisava

arranjar

trabalho,

mas

havia

possivelmente apenas um ofício ao seu alcance: o de pastor.

Embora sob certos aspectos parecesse aceitar esse estado de

coisas,

algo nele definitivamente

repelia

tal perspectiva.

Por

princípio se recusava a ganhar a vida com religião e sua idéia do

cristianismo não era partilhada pela Igreja da Dinamarca. (Era

implausível uma Igreja que aceitasse pastores casados pregarem o

celibato universal.)

Kierkegaard decidiu que era hora de expor a charada do

cristianismo tal como era pregada pela Igreja da Dinamarca.

Apesar da escassez de recursos, lançou uma revista intitulada *O*

*Momento* (editor e único colaborador: S. Kierkegaard). Nela atacava

a Igreja como “uma máquina”, castigando um dos seus amados

bispos como um hipócrita mundano. (Para piorar as coisas, era

também

hegeliano.)

Numa

edição

chegou

a sugerir

que se

descobrissem

que Cristo

não

existiu,

a Igreja

continuará

exatamente como antes e poucos pastores renunciariam a suas

vidas de conforto.

Como era de esperar, isso causou grande escândalo. Não

havia

agora

nenhuma

chance

de Kierkegaard

perder

sua

liberdade: um emprego de pastor estava fora de questão. Sob

vários aspectos, foi a repetição do incidente com a *Corsair*. Mais uma vez Kierkegaard alcançava a fama e atraía a atenção geral (seus artigos logo foram traduzidos em sueco e a controvérsia se espalhou pela Escandinávia). O mundo lhe dava o que ele achava (consciente ou inconscientemente) que lhe era devido. Mas era a fama da única maneira que Kierkegaard podia aceitar

—  
notoriedade e execração. Ao mesmo tempo, não é difícil ver aqui um eco do jovem Kierkegaard pai amaldiçoando a Deus numa colina da Jutlândia. E, claro, o episódio trouxe-o novamente à atenção de Regine.

O marido de Regine fora recentemente nomeado governador das Índias Ocidentais dinamarquesas (três ilhotas caribenhas). Kierkegaard quase certamente soube disso; até que ponto esse fato desencadeou o lançamento de *O Momento* é algo que só se pode especular. Em abril de 1855, na manhã em que zarpava para as Antilhas, Regine deu um jeito de encontrar Kierkegaard na rua. Parou então e lhe disse calmamente: “Deus o abençoe. Que as coisas saiam bem para você.” Kierkegaard ergueu

o chapéu,

“trocando

saudações

gentilmente”,

e cada um seguiu

o seu

caminho. Foi a primeira vez que se falaram depois de rompido o noivado, quatorze anos antes. E seria a última vez em que poriam os olhos um no outro.

Uma fraqueza crescente, combinada com o estresse da sua

campanha

contra

a Igreja, logo cobrou

tributo

à saúde

de

Kierkegaard. Sete meses depois da partida de Regine para as

Índias Ocidentais, ele sofreu um colapso na rua e foi levado para o hospital.

Usou o que restava

do seu dinheiro

para pagar a

impressão

do número

seguinte

de *O Momento*.

Fraco e em

desespero (estado cuja topografia conhecia tão detalhadamente),  
perdeu a vontade de viver. Mas nunca perdeu a fé. Os que o viam  
reparavam o olhar radiante que dava vida a seu rosto emaciado e  
o seu ar de serenidade. Morreu em um mês, em 11 de novembro  
de 1855. Deixou em testamento seus poucos bens para Regine.

O

enterro

de

Kierkegaard

atraiu

uma

multidão

inesperadamente

grande,

com

estudantes

competindo

para

carregar o caixão. Exatamente como teria gostado, um incidente  
escandaloso teve lugar no cemitério: um grupo protestou contra a  
hipocrisia da Igreja, que reivindicava Kierkegaard no seu rebanho



ao sepultá-lo

em campo

santo.

Alguém leu uma passagem

insultuosa de *O Momento*. Seguiu-se um tumulto...

POSFÁCIO

.....

Kierkegaard

foi logo esquecido.

Só no começo do século XX

começou a se disseminar o interesse pela sua obra. Suas idéias

tornaram-se influentes na Alemanha, onde eram vistas como um

paralelo filosófico da emergente psicanálise freudiana.

As idéias de Kierkegaard foram desenvolvidas por Husserl,

fundador da fenomenologia, que tentou (sem sucesso) fazer da

análise

filosófica da consciência

uma ciência racional.

Como

ocorre muitas

vezes com o fracasso

filosófico, sua tentativa

revelou-se filosoficamente estimulante e frutífera. As idéias de

Kierkegaard

foram levadas

um pouco mais adiante

por um

discípulo de Husserl, o também alemão Heidegger, cuja influência

sobre o pensamento europeu do século XX continua predominante

(apesar de sua desgraça pessoal devido ao envolvimento com os

nazistas).

Muitos

referiram-se

a

essa

nova

filosofia

como

existencialismo,

e Kierkegaard

foi no geral considerado

seu

fundador.

O existencialismo

é a única tentativa

ocidental

de

filosofia irracional. Ninguém questiona o seu sucesso enquanto tal

— mas apenas, antes de mais nada, se tal coisa é possível. Ao

contrário

das filosofias

racionais,

passadas

ou presentes,

o

existencialismo é puramente subjetivo. Isso deveria dificultar a

discussão com um existencialista, mas não foi o que acabou

acontecendo (os existencialistas são famosos por suas discussões

uns com os outros). Como aconteceu com Kierkegaard, o ser

(existência) tem precedência sobre o conhecimento (racionalidade).

Essa filosofia seria desenvolvida até o zênite (ou o nadir) por

Sartre, que passou grande parte da existência estudando sua

existência nos cafés da Rive Gauche.

O nome *existencialismo* tem uma história curiosa. Depois de

inadvertidamente inventado por Kierkegaard, foi esquecido, depois

ressuscitado

pelos alemães

e em seguida

repudiado.

Tanto

Husserl

como Heidegger

se recusavam

a ser chamados

de

existencialistas, rejeitando o rótulo sob o pretexto de que limitava

e banalizava o alcance de sua filosofia. Sartre, que não tinha

escrúpulos em que sua filosofia fosse limitada ou banal, foi o

primeiro a chamar-se existencialista, no começo dos anos 40. No

fim da década esse nome o tornaria mundialmente famoso e era

praticamente sinônimo do seu. Sartre reconheceu que Kierkegaard

desempenhou

um

papel

no

desenvolvimento

inicial

do

existencialismo, mas insistiu em que o seu existencialismo nada

tinha a ver com o do dinamarquês. Isso é bastante injusto mas

bem o que Kierkegaard

teria desejado.

A promiscuidade e

o

ateísmo de Sartre, que tiveram um importante papel na sua vida

filosófica, não poderiam combinar com a filosofia de Kierkegaard.

## CITAÇÕES-CHAVE

.....

A primeira coisa a entender é que você não entende. *(Diário)*

Ao nascer, fazemo-nos ao mar com ordens lacradas. *(Diário)*

Quanto mais um homem é capaz de esquecer, maior o número de transformações que sua vida pode sofrer; quanto mais é capaz de lembrar, mais divina a vida se torna. *(Diário, 429)*

Quando eu morrer, ninguém descobrirá entre os meus papéis uma observação que contenha a chave da minha vida (o que é um consolo para mim). Ninguém descobrirá palavras que expliquem tudo e que muitas vezes fazem o que o mundo consideraria uma ninharia parecer um evento de tremenda importância para mim ou algo que eu considere extremamente importante uma vez despido de seu verniz protetor. *(Diário, 431)*

O propósito da minha vida pareceria ser a expressão da verdade à medida que a descubro, mas de tal modo que fica completamente despojada de autoridade. Não tendo autoridade, sendo visto por todos como extremamente não confiável, expresso a verdade e deixo todos numa posição contraditória em que só se podem salvar tornando sua a verdade. *(Diário, 432)*

A cada passo adiante, a filosofia desprende uma pele e cada pele passa então a ser habitada por parasitas inúteis. *(Diário)*

Se Hegel tivesse completado a sua lógica e depois dissesse no prefácio que toda a coisa não passava de uma experiência do

pensamento, mesmo que houvesse feito uma série de suposições injustificadas, teria sido definitivamente o maior pensador de todos os tempos. Tal como é, não passa de uma piada. *(Diário)*

Quando examinamos a questão da verdade de maneira objetiva, nosso pensamento dirige-se objetivamente para a verdade e esta é considerada como um objeto ao qual se relaciona o pensador. No entanto, *nosso* pensamento não se concentra na relação mas, ao contrário, em saber se *é* a verdade à qual o pensador se relaciona.

Se o objeto ao qual se relaciona é a verdade, supõe-se que ele conhece a verdade. Quando consideramos a verdade de maneira subjetiva,

nosso pensamento

se concentra

subjetivamente

na

natureza da nossa relação (isto é, não naquilo a que se relaciona).

Se essa relação mesma é verdadeira, subjetivamente conhecemos a verdade, mesmo que o objeto efetivo dessa relação não seja verdadeiro. *(Pós-escrito conclusivo não científico às Migalhas filosóficas)*

A subjetividade, a interioridade, é a verdade — essa *é* a minha tese. *(Pós-escrito conclusivo não científico)*

A filosofia *está* bem certa quando afirma que a vida deve ser entendida

em retrospecto.

Mas nos

esquecemos

do outro

princípio, de que deve ser vivida para adiante. Quando analisamos

este último princípio, inevitavelmente chegamos à conclusão de

que a vida no tempo jamais pode ser adequadamente entendida —

porque nenhum momento que se vive pode adquirir a completa

quietude necessária para essa orientação retrospectiva. (*Afonsinas*

*selecionados*)

O cômico é sempre a marca da maturidade. Mas é vital que

alguma nova emoção esteja pronta para brotar por baixo e que a

mera força da comédia

não sufoque

esse *pathos*

crescente.

Deveria, ao contrário, servir para indicar que um novo *pathos* está

começando. (*Pós-escrito conclusivo não científico*)

### ***Humanidade***

Todos esses seres humanos excepcionais, tão poucos e espalhados

pelos séculos com tamanha distância entre si, fizeram cada um à

sua época um juízo sobre a “humanidade”. Segundo um deles, o

homem é um animal. Segundo outro, é um hipócrita. Para um

terceiro, um mentiroso. E assim por diante.

Talvez não erre muito o alvo se disser que ele é um tagarela

— e estimulado pelo dom da fala, aliás.

Com a ajuda da fala todo mundo participa do mais alto —

mas participar do mais alto com a ajuda da fala e, ao fazê-lo, dizer

bobagem é zombaria igual a participar de um banquete real como

espectador, das galerias.

Se eu fosse pagão, diria: uma divindade irônica conferiu à

humanidade o dom da fala para se divertir observando semelhante

auto-ilusão.

Claro que, de um ponto de vista cristão,

Deus deu à

humanidade o dom da fala por amor, assim tornando possível a

todos ter uma verdadeira compreensão do mais alto — ó, com que

pesar Deus deve ver o resultado! ( *Diário*, 1383)

Se a ciência fosse desenvolvida no tempo de Sócrates como é hoje,

os sofistas e aqueles que pretendiam ensinar filosofia teriam sido

cientistas. Teriam pendurado microscópios nas portas para atrair

negócios e colocado avisos anunciando: “Aprendam e vejam num

poderoso microscópio como a humanidade pensa.” (E ao ler esse

anúncio,

Sócrates

teria

dito: “É exatamente

assim



que se

comportam os homens que não pensam.”) (*Afonsinas seleccionados*)

A fé é um absurdo.

Seu objeto é extremamente

improvável,

irracional

e para além do alcance

de qualquer

argumento...

Suponhamos

que

alguém

decida

que

quer

adquirir

fé.

Acompanhemos essa comédia. Ele quer ter fé, mas ao mesmo

tempo também quer ter a certeza de que está dando o passo certo

— então empreende um exame objetivo da probabilidade de estar

certo. E o que acontece?

Por meio desse exame

objetivo da

probabilidade,

o absurdo

torna-se

algo diferente:

torna-se

provável,

cada

vez mais

provável,

extremamente

provável,

absolutamente

provável.

Agora essa pessoa

está pronta

para

acreditar e diz a si mesma que não acredita da mesma maneira

que os homens comuns, como sapateiros ou alfaiates, mas apenas

depois de ter pensado toda a questão de forma adequada e

compreendido

sua

probabilidade.

Agora

está

pronta

para  
acreditar. Mas vejam, nesse exato momento torna-se impossível  
para ela acreditar. Algo que é quase provável, possível ou extrema  
e absolutamente  
provável  
é algo que a pessoa  
pode quase  
conhecer,  
praticamente  
conhecer  
ou bem  
aproximadamente

*conhecer* — mas é impossível *crer*. Pois o absurdo é objeto de fé e o único objeto que pode ser crível. ( *Pós-escrito conclusivo*

*não*

*científico*)

A raça humana deixou de temer a Deus. Depois disso, veio o castigo: passou a temer a si mesma, a ansiar pelo fantasmagórico, e agora treme diante dessa criatura de sua própria imaginação.

*(Aforismas selecionados)*

CRONOLOGIA DE DATAS

SIGNIFICATIVAS DA FILOSOFIA

.....

*séc. VI a.C.* Começo da filosofia ocidental, com Tales de Mileto.

*fim do* Morte de Pitágoras.

*séc. VI a. C.*

399 a. C. Sócrates condenado à morte em Atenas.

c.387 a. C. Em Atenas, Platão funda a Academia, a primeira universidade.

335 a. C. Aristóteles funda o Liceu ateniense, escola rival da Academia.

324 d. C. Constantino muda a capital do Império Romano para Bizâncio.

400 d. C. Sto. Agostinho escreve suas *Confissões*. A filosofia é absorvida pela teologia cristã.

410 d. C. Roma é saqueada pelos visigodos, prenúncio da Idade das Trevas.

529 d.C. Fechamento da Academia de Atenas pelo imperador Justiniano, marcando o fim do pensamento helênico.

*meados do* Tomás de Aquino escreve seus comentários sobre *séc.XIII* Aristóteles. Era da escolástica.

1453 Queda de Bizâncio (Constantinopla), tomada pelos turcos. Fim do Império Bizantino.

1492 Colombo chega à América. Renascimento florentino, renovação do interesse pela aprendizagem do grego.

1543 Copérnico publica *Da revolução dos orbis celestes*, provando matematicamente que a Terra gira em

torno do Sol.

1633 Galileu é forçado pela Igreja a renegar a teoria heliocêntrica do universo.

1641 Descartes publica as *Meditações*, início da filosofia moderna.

1677 Morte de Spinoza possibilita a publicação da *Ética*.

1687 Newton publica os *Principia*, introduzindo o conceito de gravidade.

1689 Locke publica o *Ensaio sobre o entendimento humano*. Início do empirismo.

1710 Berkeley publica os *Princípios do conhecimento humano*, levando o empirismo a novos extremos.

1716 Morte de Leibniz.

1739- Hume publica o *Tratado sobre a natureza humana*,

1740 conduzindo o empirismo a seus limites lógicos.

1781 Kant, despertado de seu “sono dogmático” por Hume, publica a *Crítica da razão pura*. Início da grande era da metafísica alemã.

1807 Hegel publica *A fenomenologia do espírito*: apogeu da metafísica alemã.

1818 Schopenhauer publica *O mundo como vontade e representação*, introduzindo a filosofia hindu na metafísica alemã.

1889 Nietzsche, após declarar que “Deus está morto”, sucumbe à loucura em Turim.

1921 Wittgenstein publica o *Tractatus logico-philosophicus*, advogando a “solução final” para os problemas da

filosofia.

*década de* O Círculo de Viena apresenta o positivismo lógico.

1920

1927 Heidegger publica *Ser e tempo, que prenuncia a* separação entre a filosofia analítica e a continental.

1943 Sartre publica *O ser e o nada, desenvolvendo o* pensamento de Heidegger e estimulando o existencialismo.

1953 Publicação póstuma de *Investigações filosóficas*, de Wittgenstein. Período áureo da análise lingüística.

## CRONOLOGIA DA VIDA

### DE KIERKEGARRD

.....

1813 Nasce Soren Kierkegaard, em Copenhague.

1830 Começa a estudar teologia na Universidade de Copenhague.

1834 Morre a mãe.

1837 Conhece Regine Olsen, então com 14 anos.

1838 Morre o pai.

1840 Fica noivo de Regine.

1841 Rompe o noivado e parte para Berlim.

1842 Publica *Ou isso ou aquilo*.

1843 Publica *Temor e tremor*.

1844 Publica *O conceito de angústia*.

1846 Envolva-se em insultuosa polêmica com a revista satírica *Corsair*. 1848 Experiência religiosa muda sua natureza e atitude quanto à divulgação da palavra de Deus.

1849 Publica *Enfermidade mortal*.

1854 Decide entrar em polêmica com a Igreja.

1855 Funda a revista *O Momento*, que preenche com seus próprios artigos contra a Igreja. Em abril, vê Regine pela última vez, antes que ela se mude para as Índias Ocidentais. Em outubro, sofre um colapso na rua e é levado para o hospital. Morre em 11 de novembro.

## CRONOLOGIA DA ÉPOCA

### DE KIERKEGAARD

.....

1813 Falência do Estado dinamarquês provoca *débauche* econômica generalizada. Com suas economias investidas em títulos de confiança, o pai de Kierkegaard consegue escapar à ruína.

1813 Nasce Wagner.

1815 Batalha de Waterloo. Os britânicos consolidam seu domínio sobre toda a Índia.

1821 Faraday descobre o princípio do motor elétrico.

1825 Surge a estrada de ferro: Stephenson inaugura a primeira via, entre Stockton e Darlington.

1829 Britânicos anexam todo o subcontinente australiano.

1830 A Grécia torna-se independente do Império Otomano.

1831 Hegel morre de cólera em Berlim. Darwin zarpa no *HMS Beagle* para as ilhas Galápagos.

1832 Morre Goethe, em Weimar.

1834 Estados alemães criam união alfandegária (*Zollverein*), o que contribui para o início da Revolução Industrial na Europa.

1844 Nascimento de Nietzsche.

1845 Anexação da República do Texas pelos Estados Unidos.

1848 Onda revolucionária varre a Europa.

México cede aos Estados Unidos o atual sudoeste norte-americano (incluindo a Califórnia).

1850 O dedicado filósofo anti-hegeliano Schopenhauer alcança tardiamente a fama.

1853-56 Guerra da Criméia.

1856 Nasce Freud.

## LEITURA SUGERIDA

.....

Soren Kierkegaard, *Temor e tremor*, Rio de Janeiro, Ediouro.

\_\_\_\_\_, *O conceito de ironia*, Petrópolis, Vozes.

\_\_\_\_\_, *Textos selecionados*, Rio de Janeiro, Ediouro.

Robert



Bretall

(org.),

*A Kierkegaard*

*Anthology,*

Princeton

University Press, 1973.

Patrick L. Gardiner, *Kierkegaard*, Oxford University Press, 1988.

David J. Gouwens, *Kierkegaard as Religious Thinker*, Cambridge

University Press, 1996.

Bruce H. Kirmmse (org.), *Encounters with Kierkegaard*, Princeton

University Press, 1996.

Roger Poole, *Kierkegaard: The Indirect Communication*, University

Press of Virginia, 1993.

CIENTISTAS

*em 90 minutos*

.....

*por Paul Strathern*

Arquimedes e a alavanca em 90 minutos

Bohr e a teoria quântica em 90 minutos

Crick, Watson e o DNA em 90 minutos

Curie e a radioatividade em 90 minutos

Darwin e a evolução em 90 minutos

Einstein e a relatividade em 90 minutos

Galileu e o sistema solar em 90 minutos

Hawking e os buracos negros em 90 minutos

Newton e a gravidade em 90 minutos

Oppenheimer e a bomba atômica em 90 minutos

Pitágoras e seu teorema em 90 minutos

Turing e o computador em 90 minutos

Este livro foi composto pela

TopTextos Edições Gráficas,

em Agaramond, e impresso por

Cromosete Gráfica e Editora.

KIERKEGAARD (1813-1855) não foi um filósofo no sentido acadêmico do termo. Mas produziu o que muita gente espera da filosofia. Não escreveu sobre o mundo, escreveu sobre a vida — sobre como vivemos e como escolhemos viver. Seu tema foi o indivíduo e sua existência: o "ser existente". Na visão de Kierkegaard, essa entidade puramente subjetiva está além do alcance da razão, da lógica, dos sistemas filosóficos, da teologia ou mesmo das "pretensões da psicologia". No entanto, é a fonte de tudo isso. O ramo da filosofia criado por Kierkegaard acabaria conhecido como *existencialismo*.

*Kierkegaard em 90 minutos* oferece um relato conciso e competente da vida e das idéias do pensador dinamarquês, explicando sua influência na luta do homem para compreender sua existência neste planeta. Também inclui pequenos excertos da obra de Kierkegaard, cronologias, lista de leituras sugeridas e índice remissivo.

Além de *Filósofos em 90 minutos*, esta editora publica a série *Cientistas em 90 minutos*, ambas de autoria de Paul Strathern.

**J.Z.E.** Jorge Zahar Editor



# Document Outline

- [Slide 1](#)
- [Slide 2](#)
- [Slide 3](#)
- [Slide 4](#)
- [Slide 5](#)
- [Slide 6](#)
- [Slide 7](#)
- [Slide 8](#)
- [Slide 9](#)
- [Slide 10](#)
- [Slide 11](#)
- [Slide 12](#)
- [Slide 13](#)
- [Slide 14](#)
- [Slide 15](#)
- [Slide 16](#)
- [Slide 17](#)
- [Slide 18](#)
- [Slide 19](#)
- [Slide 20](#)
- [Slide 21](#)
- [Slide 22](#)
- [Slide 23](#)
- [Slide 24](#)
- [Slide 25](#)
- [Slide 26](#)
- [Slide 27](#)
- [Slide 28](#)
- [Slide 29](#)
- [Slide 30](#)
- [Slide 31](#)
- [Slide 32](#)
- [Slide 33](#)
- [Slide 34](#)
- [Slide 35](#)
- [Slide 36](#)
- [Slide 37](#)
- [Slide 38](#)
- [Slide 39](#)
- [Slide 40](#)

- [Slide 41](#)
- [Slide 42](#)
- [Slide 43](#)
- [Slide 44](#)
- [Slide 45](#)
- [Slide 46](#)
- [Slide 47](#)
- [Slide 48](#)
- [Slide 49](#)
- [Slide 50](#)
- [Slide 51](#)
- [Slide 52](#)
- [Slide 53](#)
- [Slide 54](#)
- [Slide 55](#)
- [Slide 56](#)
- [Slide 57](#)
- [Slide 58](#)
- [Slide 59](#)
- [Slide 60](#)
- [Slide 61](#)
- [Slide 62](#)
- [Slide 63](#)